VÍTIMA DA EDUCAÇÃO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO PROFESSOR EM CHARGES CONTEMPORÂNEAS

Eveline Coelho Cardoso (UFF)
evelinecard@oi.com.br
Rosane Santos Mauro Monnerat (UFF)
rosanemonnerat@globo.com

RESUMO

O presente trabalho se articula à pesquisa desenvolvida anteriormente no curso de mestrado, voltada para a investigação da imagem construída no e pelo discurso – o *ethos* – do enunciador de atas escolares. Tendo em vista a ampliação e aprofundamento das reflexões emergentes dessa pesquisa, fomos movidos pelo interesse em um possível estudo comparativo sobre os imaginários construídos ao longo do tempo a respeito da escola e de seus atores, bem como sobre a materialidade desses imaginários no discurso, apoiados na interface linguística. Baseando-nos, então, nos pressupostos teóricos da análise semiolinguística do discurso, de Patrick Charaudeau, encontramos em algumas charges contemporâneas um retrato da evolução dessas visões cristalizadas sobre a escola, os professores e os alunos; retrato este construído a partir do ponto de vista de um enunciador que se integra a um contrato comunicativo midiático perpassado por profundo humor e ironia. Tendo em mente o projeto de fala desse enunciador movido por dois objetivos discursivos interdependentes – informar e captar o leitor –, nosso objetivo é apresentar algumas reflexões preliminares sobre a construção do *ethos* do professor atualmente como um sujeito pobre e vitimado, o que contrasta com uma visão mais bem-sucedida deste profissional no passado. Daremos foco à construção dessa imagem por meio de recursos linguísticos e também não linguísticos, os quais, articulados, são passíveis de gerar efeitos de sentido e efeitos patêmicos sobre seu interlocutor.

Palavras-chave: Educação. Ethos. Charge. Professor.

1. Introdução

Este trabalho é fruto de todas as reflexões promovidas durante o curso "Aspectos Contemporâneos em Análise Semiolinguística do Dis-

curso", do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* da UFF, ministrado no primeiro semestre de 2014. Nossa proposta está ancorada, portanto, na referida perspectiva de análise do discurso, elaborada pelo teórico francês Patrick Charaudeau, que procura aplicar ao estudo dos textos e seus discursos uma abordagem que privilegie os sentidos sem, contudo, perder o foco da materialidade linguística que os veicula.

O tema voltado para a análise da imagem construída de professores em charges atuais foi escolhido com o objetivo de dialogar com os resultados de uma pesquisa sobre o *ethos* do enunciador de atas escolares, desenvolvida anteriormente no curso de mestrado[39]. Entendemos que o estudo desse tema pode ainda ampliar e aprofundar as reflexões acerca de aspectos do discurso pedagógico, vislumbrando um possível estudo comparativo sobre os imaginários de escola, professor e aluno construídos socialmente ao longo do tempo.

Movidos por esse objetivo, encontramos em algumas charges contemporâneas que evidenciam um olhar evolutivo para a educação um objeto fecundo à reflexão que nos interessa, uma vez que se trata de um gênero baseado na criação caricatural e comprometido com imagens cristalizadas de determinados tipos sociais, construindo-se como um registro que reflete pontos de vista e imaginários de um determinado momento histórico.

Tendo em vista esse recorte histórico e evolutivo, foram selecionadas três charges em que é possível perceber um contraponto entre imagens sociais construídas da escola, do professor e dos alunos no passado e na atualidade. Procedemos à análise preliminar desses textos enquanto discursos pelo viés da semiolinguística, partindo de uma breve fundamentação teórica sobre os principais conceitos desenvolvidos por essa corrente teórica e também sobre a noção de gêneros discursivos. Os conceitos de *ethos* e *pathos* são também aqui mobilizados a fim de iluminar o estudo da construção do discurso multimodal das charges e dos efeitos de sentido que dele podem emergir com ou sem a pretensão do chargista.

---

[39] CARDOSO, Eveline. *Ethos e Polifonia no discurso do relator em atas pedagógicas*. 2011. 170f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2011.

2. *Uma base semiolinguística*

A análise do discurso pode ser concebida como uma abordagem linguística preocupada com a linguagem em sua dimensão social, voltada para o estudo do funcionamento do discurso, assim entendido de modo geral como linguagem em ação ou uso da língua em um contexto particular. Trata-se de uma vertente teórica bastante aberta e heterogênea atualmente, que agrega diferentes perspectivas e metodologias para a análise dos mais diversos *corpus* e domínios de produção discursiva.

A perspectiva semiolinguística de análise do discurso, elaborada por Patrick Charaudeau, é definida pelo autor como uma maneira de problematizar o discurso investigando-o a partir dos aspectos psicossociolinguageiros da construção do sentido. Para o autor, isso significa empreender um esforço transdisciplinar na tentativa de dar conta de maneira mais satisfatória da complexidade do fenômeno da linguagem em suas múltiplas dimensões.

Dessa forma, no estudo da linguagem em uso, é preciso reconhecer aspectos mais externos – ligados à ação e à influência; e também aspectos mais internos – ligados à construção do sentido e do texto (CHARAUDEAU, 2005, p. 13). No dizer de Machado (2008, p. 180-181), a semiolinguística atua a partir de um duplo *enjeu* ou desejo: colocar em destaque as funções dos diferentes sujeitos nos atos de linguagem do cotidiano e, ao mesmo tempo, manter uma base linguística que apoie suas interpretações.

Charaudeau (2005) nos explica a razão do termo que escolheu para nomear o seu projeto teórico:

> *Semio-* de "semiosis", evocando o fato de que a construção do **sentido** e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; *linguística* para destacar que [sic.] a matéria principal da *forma* em questão – a das *línguas naturais*. (CHARAUDEAU, 2005, p. 180-1)

Vê-se, pois, que a semiolinguística tem em relação a outros vieses de análise do discurso a particularidade de dar aos sujeitos um papel central na teoria, atribuindo-lhes uma intencionalidade que os impele a se colocarem na chamada *mise-en-scène* discursiva. Nessa perspectiva, o sujeito entra no jogo discursivo e empreende uma aventura, uma aposta no Outro, como definiu o autor, lançando mão dos diferentes recursos disponíveis na língua em prol de estratégias elaboradas para alcançar

seus objetivos na troca. É um ponto de vista que supera a visão do sujeito inconsciente e assujeitado da análise do discurso francesa tradicional, tornando-o autor e responsável pelo seu dizer, mas não desprezando, contudo, as influências que este possa sofrer do meio social e cultural.

Sob esse olhar teórico, a linguagem é mobilizada por sujeitos concretos e historicamente situados que dão origem a um *processo de semiotização do mundo* enquanto protagonizam os atos comunicativos. No jogo conflitante e indissociável entre uma dimensão explícita (da simbolização referencial, ligada à estrutura da língua) e uma dimensão implícita (da significação, ligada às circunstâncias de produção) do ato de linguagem é que os sentidos se inscrevem no discurso.

As noções de interioridade e exterioridade são ainda associadas pelo autor aos atos de linguagem no que tange ao posicionamento dos sujeitos em dois universos ou espaços distintos durante a encenação discursiva: pressupõe-se a existência de um *espaço interno*, de fala configurada, e de um *espaço externo*, social, da situação de comunicação. Nesse sentido, estão em jogo num ato comunicativo o universo de discurso do EU e o universo de discurso do TU – bem como quatro protagonistas diferentes: o *EU-comunicante* e o *TU-interpretante*, que são os seres do espaço social; e o *Eu-enunciador* e o *Tu-destinatário*, que são os seres do espaço da fala, espécies de máscaras vestidas na enunciação (CHARAUDEAU, 2008b, p. 44)

Conforme Charaudeau (2007b), os atos de linguagem são atos de "liberdade vigiada", porquanto, embora sirvam a um projeto de fala de um enunciador, se submetem a restrições de natureza situacional, discursiva e formal, de cuja intersecção resulta o que o autor chama de *contrato de comunicação*. Tal contrato se configura como uma espécie de acordo entre os interlocutores, que nasce de um jogo de regulação emergente de restrições temporais, espaciais e relacionais que incidem sobre a *mise-en-scène*. Assim, originam-se nele convenções e normas para os comportamentos linguageiros que ficam armazenados numa memória coletiva dos interlocutores, os quais as partilham e acessam a fim de que a comunicação seja possível.

Charaudeau afirma que o processo de interpretação se associa à instauração de um processo para apurar as intenções do EU. Daí mobilizarmos conhecimentos em prol de um contrato de comunicação e lançarmos mão de procedimentos estratégicos para conseguir um determinado efeito (persuasão, sedução) sobre o interlocutor, de modo a fazê-lo

identificar-se com um destinatário ideal. São essas restrições contratuais que estão na base da configuração dos diversos gêneros discursivos que conhecemos e regulam as escolhas linguísticas efetuadas no discurso pelos sujeitos.

3. Sobre gêneros discursivos

Sabemos que a forma assumida pela linguagem quando se materializa numa situação de comunicação não ocorre por acaso. No dizer de Bakhtin (2000, p. 113), "a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação". Nesse sentido, a partir do conceito de enunciado, o autor definiu da seguinte maneira os gêneros do discurso: "(...) cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso" (*Op. cit.*, p. 280).

O autor acrescenta que, tal qual a variedade da própria atividade humana, a variedade dos gêneros do discurso é também infinita, e acumula sempre as formas de uma visão de mundo e de um pensamento. Nesse sentido, os gêneros podem ter natureza primária ou secundária: os primeiros são considerados mais simples, tendo a carta, o bilhete e o diálogo cotidiano como exemplos; ao passo que os outros, mais complexos, encontram exemplos no romance, teatro e discurso científico, por exemplo.

Consoante os pressupostos bakhtinianos, Marcuschi (2003) define os gêneros textuais como 'formas sociais' de organização e expressões típicas da vida cultural. Também para este autor a noção de gênero se refere a textos materializados que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica. O autor ressalta que os gêneros textuais são entidades sociodiscursivas e se caracterizam mais por suas funções comunicativas, cognitivas e funcionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais, sendo bastante maleáveis, dinâmicos e plásticos. Sobre esse aspecto, ressaltou Bakhtin:

> Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas de comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 2000, p. 284)

Maingueneau (2008a, p. 65) argumenta que, como atividades sociais, assim como os atos de linguagem, os gêneros do discurso se submetem a condições de êxito, que seriam, grosso modo: uma finalidade reconhecida, o estatuto dos parceiros, o lugar e o momento constitutivos, um suporte material e uma organização textual. Ou seja, a matéria linguística em si, privilegiada em algumas abordagens como critério de classificação dos gêneros, deve ser analisada em última instância, em favor da análise dos elementos constitutivos do ato de linguagem como um todo.

É aproximadamente essa a visão de Charaudeau (2004), cuja proposta parte de uma reflexão sobre a constituição das comunidades humanas como um processo que depende de uma construção coletiva de sentidos, formas e comportamentos registrados em três memórias: uma *memória dos discursos*, na qual se inscrevem saberes de conhecimento e crença sobre o mundo; uma *memória das situações de comunicação*, em que são armazenados dispositivos que normatizam as trocas comunicativas e definem um conjunto de condições psicossociais para sua realização; e uma *memória das formas de signos*, registrados como maneiras de dizer, enquanto sistema que serve de diferentes maneiras ao uso.

A essas três memórias, o autor articula a situação de comunicação, entendida como elemento de estruturação da prática social, e a normalização-codificação das práticas linguageiras, afirmando o seguinte:

> Podemos, então, sustentar a ideia de que o sujeito social se dota de gêneros empíricos, e que, por meio de representações que ele se constrói deles pela aprendizagem e pela experiência, ele os erige em normas de conformidade linguageira e os associa aos lugares de prática social mais ou menos institucionalizados. (*Op. cit.*, p. 21)

A partir dessa reflexão, Charaudeau (2004) propõe um modelo de análise semiodiscursivo dos gêneros, no qual pretende articular situações, sentidos e formas, argumentando de forma paralela em favor de uma visão do sujeito como portador de uma intencionalidade que o posiciona face às liberdades e restrições da linguagem. A proposta do autor é uma tipologia fundada sobre o dispositivo gênero como materialidade (suporte) da *mise-en-scène* e sobre os diferentes procedimentos utilizados para construir dispositivos cênicos, ciente de que todo ato de linguagem está ancorado numa *visada*, isto é, numa intenção pragmática.

O autor destaca a importância do conhecimento de alguns princípios gerais de funcionamento do discurso, fundadores da atividade linguageira, a saber: o *princípio da interação/alteridade*, ligado ao processo

recíproco de reconhecimento e legitimação do Outro, sob uma perspectiva contratual; o *princípio da pertinência*, que se dá pelo reconhecimento dos universos de referência partilhados pelos sujeitos (definidos pelo autor como saberes de crença e de conhecimento); *o princípio de influência*, voltado para a finalidade intencional do ato de linguagem, com vistas a atingir emocionalmente ou orientar o pensamento do Outro; e o *princípio da regulação*, ligado às estratégias que garantam a intercompreensão mínima dos parceiros através de um ajuste ou calibragem do jogo de influências.

A esses princípios basilares do discurso, o autor vincula o nível dos mecanismos de funcionamento do discurso, duplamente estruturado pela *situação de comunicação* – por onde se deve iniciar a análise dos discursos – e pela *discursivização*. A primeira é onde se reconhecem as identidades dos parceiros, a finalidade do encontro, o propósito (tema) e também as circunstâncias materiais; a segunda diz respeito ao conjunto de procedimentos semiodiscursivos de ordenamento dos discursos em modos discursivos e formas de dizer.

A posição defendida por Charaudeau se distancia, então, de uma esquematização abstrata dos gêneros discursivos, demonstrando a importância de articular as restrições oriundas desses três níveis de estruturação da linguagem em atos comunicativos – o situacional, o discursivo e o formal – a fim de compreender melhor a produção e o funcionamento dessas constantes de enunciados que refletem e ao mesmo tempo regulam as práticas linguageiras humanas.

3.1. O gênero discursivo charge

Do fr. *charger*, que significa carregar, exagerar, atacar violentamente, as charges têm origem na iconografia medieval e no jornalismo ilustrado dos séculos XVIII e XIX. Trata-se de um texto disposto em pequenos quadros divididos ou não, que se constroem pela integração entre o signo verbal e não verbal ou somente pelo signo verbal.

Como os demais gêneros do domínio jornalístico, as charges procuram retratar fatos e situações do domínio cultural, esportivo, político etc., contemporâneos de um determinado público situado, por sua vez, em determinado contexto sócio-histórico. Seu diferencial em relação ao comprometimento com a “realidade e credibilidade” que geralmente ca-

racteriza o texto midiático é construir uma representação dos fatos bastante particular, pelo viés do humor e da ironia.

As charges evoluíram no Brasil de um instrumento meramente ilustrativo das elites europeias para um importante veículo público de opinião, ganhando forte caráter político e questionador nos dias atuais (MATIAS, 2010). Atualmente, esse gênero é veiculado em jornais, revistas e na Internet, já tendo sido produzido também em versão animada[40].

Historicamente, o estilo das charges fez um percurso que se iniciou com a ilustração caricatural, que se compromete com a identidade de um sujeito específico a fim de exaltá-la ou questioná-la; para a generalização da representação de um indivíduo que dá corpo a uma coletividade, tornando-se mais próxima do leitor e de seus anseios, e capaz de provocar de maneira mais eficaz a sua identificação.

3.2. As charges e o contrato de informação midiático

Na perspectiva da semiolinguística, enquanto gêneros textuais, as charges são construídas como parte do projeto de fala de um enunciador midiático, que corresponde ao que Charaudeau chama de *instância de produção*, a qual se dirige a uma *instância de recepção*, que deve mostrar interesse e/ou prazer em consumir informação. O chargista é, então, movido por duas visadas enunciativas interdependentes (CHARAUDEAU, 2007a): uma visada de *informação*, presente em todo texto de natureza midiática; e também uma visada predominante de *captação*, ligada ao interesse em despertar o interlocutor/leitor para aquilo que é dito.

De modo geral, o jornalista desempenha dois papeis fundamentais de maneira equilibrada: o de pesquisador-fornecedor da informação, que envolve a questão das fontes; e o de descritor-comentador da informação, que não isenta o sujeito de proceder com rigor e coerência. No caso das charges, observamos que essas funções se relativizam, uma vez que o enunciador-desenhista emite um ponto de vista sobre o fato relatado. Como vemos, ele próprio realiza e divulga uma interpretação de um fato, cujos aspectos que considera mais relevantes serão destacados, por vezes de forma bastante exagerada, extrapolando as proporções "reais", como vemos nas tendências caricaturais.

---

[40] O exemplo "Cuca Campeão da Libertadores" está disponível da página do Youtube, no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=91QEPzblZDA. Acesso em: 03-08-2014,

Quanto à finalidade, o contrato midiático do qual participam as charges tem o objetivo de relatar o que ocorre no espaço público, na tensão entre as duas visadas já citadas de informação e de captação. Conforme Charaudeau (2007b), a visada de informação, pela qual se deve fazer saber, diz respeito a dois tipos de atividade linguageira que interligam fatos e comentários: a *descrição-narração*, que reporta aos fatos do mundo; e a *explicação*, que diz respeito ao esclarecimento de causas e consequências. No bojo da visada informativa nasce o confronto permanente das mídias com a questão da credibilidade, pela qual devem fazer crer que o que dizem é verdadeiro.

Já a visada de captação, responsável por fazer sentir, nos mostra que a instância midiática está fadada a emocionar seu público, expressar afetividade a fim de desencadear o interesse pelo que transmite. Isso é contraditório, uma vez que esse efeito de paixão decorre do extremo oposto racional da visada principal de informação. A esse respeito, diz Charaudeau:

> Na tensão entre os polos de credibilidade e de captação, quanto mais as mídias tendem para o primeiro, cujas exigências são as da austeridade racionalizante, menos tocam o grande público; quanto mais tendem para a captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credíveis serão. As mídias não ignoram isso, e seu jogo consiste em navegar entre esses dois polos ao sabor de sua ideologia e da natureza dos acontecimentos. (*Op. cit.*, p. 93)

Nesse movimento que pende para a captação, o chargista, como os demais enunciadores midiáticos, constrói uma relação com um objeto de mundo que se torna o seu *Propósito*, por meio de um processo de transformação e transação (CHARAUDEAU, 2007b; 2008b). Nesse processo, um "mundo a comentar" passa por um trabalho de construção de sentido que o constitui em "mundo comentado", dirigido a um destinatário cuja identidade se postula. O acontecimento, no mundo a comentar, recebe o olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e o torna inteligível, baseado em seus saberes de crença e de conhecimento do mundo. Como disse Charaudeau na citação anteriormente reproduzida: o enunciador midiático faz isso conscientemente, "ao sabor da sua ideologia".

Mas tal fenômeno só adquire existência significativa quando é submetido a um duplo processo de percepção-captura-sistematização-estruturação: por parte do sujeito linguageiro e, da mesma forma, por parte do sujeito interpretante, que reestrutura esse acontecimento segundo sua própria competência e inteligibilidade. Além disso, como em todo

circuito de informação midiática, o acontecimento relatado nas charges é selecionado por seu potencial de *atualidade*, *socialidade* e *imprevisibilidade*, critérios favoráveis à captação do leitor para aquilo que é dito.

Quanto ao dispositivo de encenação das charges que compõem o *corpus* desta pesquisa, destacamos que sofre restrições correspondentes às condições materiais do suporte em que tais textos estão dispostos – geralmente trata-se de um dispositivo de imprensa, feito de papel. Tais condições pressupõem uma relação distanciada entre aquele que lê e aquele que escreve, ausência física das instâncias de produção/recepção, um percurso ocular multiorientado, que permite ao que escreve retornar, corrigir, modificar; e ao que lê, rememorar ou recompor sua leitura. É claro, contudo, que, se estamos analisando uma charge animada, disposta em formato de vídeo, essas restrições sofrerão variações.

Podemos concluir nesta seção que, enquanto gêneros discursivos, por sua natureza irreverente, apoiada no humor e na ironia, as charges podem se reivindicar o direito à personalização do ponto de vista e mesmo à subjetividade, como ocorre com outros gêneros jornalísticos mais opinativos, tais quais as crônicas ou os editoriais. É assim que esse gênero estrutura o seu propósito por um viés discursivo de opinião e o configura com julgamentos e apreciações que dão livre curso aos sentimentos e pensamentos do produtor.

Trava-se, portanto, uma parceria entre as instâncias de produção e recepção baseada numa relação de ressonância: cada um dos parceiros só pode sintonizar-se com o outro pelo viés das representações supostamente partilhadas, as quais, levadas pelos discursos, circulam por entre os membros de uma determinada comunidade cultural. Conforme Charaudeau (2007b), é assim que o contrato de informação midiático gera um espaço público de informação e em seu próprio quadro constrói a opinião pública. No caso das charges, verificamos que a construção dessa opinião é atravessada por uma dramatização na qual se percebem projeções de imagens cristalizadas de sujeitos e acontecimentos, o que é capaz de despertar naquele que se informa efeitos discursivos ligados à emoção.

4. Ethos e pathos: categorias discursivas

Ligados à habilidade na composição e apresentação dos discursos, o *ethos* e o *pathos*, juntamente com o *logos*, são conceitos que remontam à arte oratória grega e romana, estudada no bojo da retórica clássica.

Nessa tradição, tais termos se referiam respectivamente a três aspectos envolvidos no discurso: ao sujeito orador, ligado a um sistema de estratégias para fazer crer no mundo construído na enunciação; ao seu auditório, como feixe de expectativas, disponibilidades e paixões provocadas; e ao próprio discurso proferido, visto como articulação entre as duas instâncias anteriores, percebidas naquilo que esse discurso demonstra ou parece demonstrar (DISCINI, 2011, p. 33).

Em análise do discurso, os conceitos de *ethos* e *pathos* se tornam importantes pela projeção que podem mostrar dos interlocutores envolvidos num ato de linguagem. Nessa perspectiva teórica, tais conceitos são concebidos como construções de uma imagem do enunciador e de seu enunciatário empreendidas no e pelo discurso e dependentes da interrelação entre esses parceiros em prol de um contrato comunicativo.

Segundo Amossy (2005, p. 9), "todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si". No que tange ao *ethos*, consideramos que, ao se colocar na enunciação, o locutor constrói uma representação de sua pessoa que deixa ver no ritmo de sua fala, em seu estilo pessoal, na maneira de se expressar, nas crenças implícitas em seu discurso.

No dizer de Maingueneau (2008b, 2011), cada tomada de palavra implica levar em conta as representações feitas pelos parceiros da troca mutuamente, e também implica considerar a estratégia de fala de um locutor que se mostra por meio de um tom, um caráter e uma corporalidade, de acordo com o mundo que supostamente faz surgir no discurso. Assim, entende-se que as ideias do locutor – expressas por um *ethos* envolvente e invisível – suscitam a adesão do leitor por meio de uma maneira de dizer que é também uma maneira de ser (2008b, p. 72). Para o autor, aí reside a eficácia do *ethos*, já que ele se envolve de alguma forma na enunciação sem estar explicitado no enunciado.

Charaudeau (2008a, p. 115) afirma que o *ethos* resulta da fusão das duas componentes identitárias do sujeito: sua identidade social de locutor, que lhe dá o direito à palavra e funda sua legitimidade a partir do estatuto e do papel que a situação de comunicação lhe conferem; e sua identidade discursiva de enunciador, relacionada aos papéis que ele mesmo se atribui, os quais também resultam das restrições da situação de comunicação e das estratégias que escolhe seguir. Dessa forma, o autor articula as noções de *ethos* construído e pré-construído, tomadas outrora como um problema em torno do estudo dessa noção:

> Nossa posição é a de que para tratar do *ethos* é preciso considerar esses dois aspectos. (...) O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 115).

Quanto ao *pathos*, trata-se de uma categoria ligada às emoções no discurso, isto é, diz respeito à problemática de "como tocar o outro", nas palavras de Charaudeau (2007a).

Diferente de um ponto de vista psicológico, que entende as emoções como reações sensoriais, efeitos de humor ou de caráter, ou ainda reações comportamentais; sob o viés da análise do discurso, as emoções são concebidas como estados mentais intencionais que se apoiam em crenças e se inscrevem, portanto, no dispositivo cênico do ato de linguagem. Com o aparato teórico dessa ciência linguística se pode, portanto, estudar o processo discursivo pelo qual se pretende despertar determinada emoção em um auditório, tratando-a como efeito de uma visada enunciativa:

> (...) persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos que o predispõem a partilhar o ponto de vista do orador. O sentimento não deve ser confundido com sua expressão (mesmo se esta puder desempenhar um papel determinado), será considerado como um efeito possível que poderá suscitar uma determinada ativação do discurso junto a um determinado público, em uma determinada circunstância. (CHARAUDEAU, 2007a, p. 242)

Por essa razão, Charaudeau prefere falar em "efeitos patêmicos" no lugar de "emoções", de modo a especificar o ponto de vista da análise do discurso em relação ao da psicologia ou da sociologia, associando-o, por outro lado, à tradição "retórica dos efeitos", concebida por Aristóteles (e outros filósofos clássicos).

Conforme o autor, o efeito patêmico não é intrínseco às palavras; elas são apenas suscetíveis de desencadeá-lo, o que depende de aspectos socioculturais dos contextos onde se inscreve, bem como das inferências e conhecimentos mobilizados pelos parceiros no ato de comunicação. São, portanto, condições para que esses efeitos sejam produzidos: a existência de uma finalidade e de lugares atribuídos aos sujeitos passíveis de gerar efeitos de ordem patêmica; um campo temático que apoie um universo de patemização por meio dos imaginários sociais que evoca; e também um espaço de estratégias que se valha de visadas patemizantes.

O estudo das categorias de *ethos* e *pathos* reforça, então, a importância do empreendimento de uma análise do discurso que começa de "fora para dentro", ancorada não apenas nos contextos, mas nos dispositivos de comunicação. Conforme Charaudeau (2010, p. 55), são esses dispositivos que atribuem previamente um lugar aos parceiros da troca e dão ao mesmo tempo uma grade de leitura dos signos.

É a partir dessas restrições dos contratos – que sobredeterminam a produção/recepção dos discursos – que os sujeitos constroem/interpretam imagens de si mesmos e planejam a mobilização de efeitos patêmicos. Tais efeitos de *ethos* e de *pathos* são mapeáveis na materialidade textual de gêneros discursivos diversos através das escolhas linguísticas e – no caso das charges – também não linguísticas empreendidas pelos sujeitos, o que torna não só possível como mais coerente a análise semiolinguística.

5. O professor de ontem e hoje: efeitos de ethos e pathos

No Brasil, é corrente nos discursos sociais a ideia de que o professor de educação básica é um profissional desvalorizado. Leva-se em conta nesse imaginário a média salarial baixa em comparação com outras carreiras, o que leva o docente a se sobrecarregar em múltiplas jornadas de trabalho assumidas em várias escolas para sobreviver. Relembramos, nesse sentido, o personagem do Prof. Raimundo, representado pelo humorista Chico Anysio, o qual por muitos anos retratou na mídia televisiva essa condição social precária do magistério brasileiro, imortalizando a frase – acompanhada do gesto de pequenez com os dedos indicador e polegar: "E o salário, ó!".

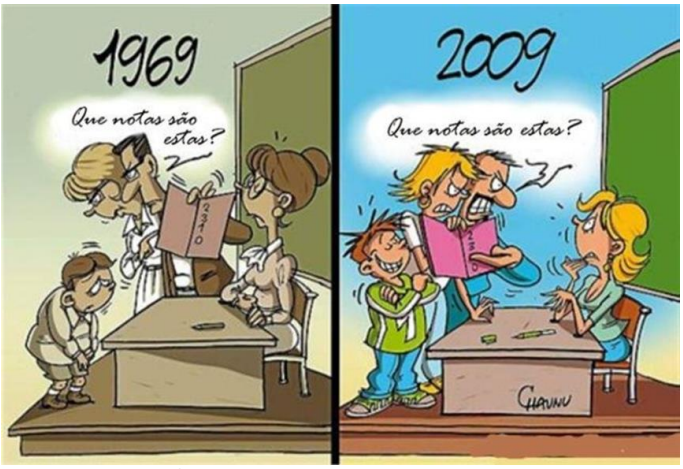
Atualmente, a questão da violência vem agravando ainda mais esse quadro negativo do magistério, o que se confirma cada vez mais nos noticiários, que retratam o professor como vítima das mais variadas agressões partidas de alunos dentro das escolas. Tal questão tem sido tão recorrente que já mobiliza diversos projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional em defesa da classe.

As charges, sendo um gênero do contexto jornalístico, acompanham esses acontecimentos protagonizados socialmente pelo professor e noticiados pela mídia impressa. Em seu projeto discursivo, contudo, o chargista, para além de descrever e informar sobre um fato social, tende mais a comentá-lo com o objetivo de tocar o outro, envolvê-lo para que

sinta, se emocione, se identifique e venha a aderir a um discurso proposto. Em outras palavras, nas charges, mobilizam-se estados mentais intencionais que se apoiam em crenças em favor da visada de captação do leitor. Trabalha-se, assim, com a pressuposição de algo que não está no signo, mas que ele porta; algo que, como diz Charaudeau (2010, p. 16), constitui a troca social e faz sentido: são os desejos e intenções dos sujeitos.

Obviamente, ocorre nas charges um movimento dialógico na representação desses imaginários sociais em torno do professor carregados pelos signos verbais e não verbais: o chargista cria imagens desse profissional com base nos discursos que circulam socialmente, mas ao mesmo tempo contribui para sua criação e modificação, emitindo um ponto de vista pessoal sobre esses imaginários. Vejamos como essas representações aparecem no discurso das três charges que compõem o *corpus* desse artigo:

Texto 1



http://professornamidia.blogspot.com.br/p/charges.html

O **Texto 1**, de autoria do chargista francês Chaunu, foi traduzido para o português e desde então tem sido bastante divulgado entre os internautas em blogs e redes sociais. Nele observamos a disposição de dois quadros em que se percebe a construção não verbal do cenário da sala de aula em dois contextos temporais clara e precisamente delimitados pela especificação dos anos 1969 e 2009 na posição superior centralizada.

Além das datas, a referência ao tempo é complementada pela disposição das cores – em tons mais desbotados para o passado e mais vivas para o presente – e também pela composição do figurino dos personagens retratados.

Ambos os quadros, embora separados por um intervalo de trinta anos, possuem uma estruturação dos personagens semelhante: um aluno e seus pais diante do professor – uma mulher – na sala de aula, numa situação de recebimento dos resultados de um determinado período escolar. A única fala presente em ambos os quadros é a oração interrogativa "*Que notas são essas?*". O contraste entre os dois quadros é enfatizado por essa identidade da pergunta, que, no primeiro quadro, parte dos pais para seu filho, o aluno; e no segundo quadro, parte dos pais para a professora.

Vejamos como se constrói o *ethos* do professor – que aqui nos interessa mais especificamente: em 1969, vemos uma profissional com corporalidade firme e segura, respeitada pelos pais e pelo aluno, cuja postura corrobora o questionamento dos responsáveis em relação ao desempenho deste. Em 2009, a firmeza e segurança da professora se transformam em uma expressão ameaçada e frágil diante dos olhos raivosos de pais que agora a ela dirigem seu questionamento: "Que notas são essas?". Desenha-se, então, uma profissional cujo trabalho é posto em xeque diante da figura altiva e confiante do aluno respaldado pela defesa dos pais.

Texto 2

No **Texto 2** há um cenário único que ilustra novamente a sala de aula, com a professora colocada próximo ao quadro-negro em sua mesa e a classe a frente desta. Diferente do exemplo anterior, não há a oposição explícita de dois momentos históricos em dois quadros: há apenas uma cena. A ideia de tempo é imprecisa, dada pelo substantivo "Presente" no título, que se opõe implicitamente por seu sentido a um momento passado. Esse passado, a que o título nos remete por oposição indiretamente, é descrito na fala da professora: "*... que saudade do tempo que eles só traziam canivetes!*".

Tal frase profundamente irônica é complementada pelo texto não verbal na composição do Propósito comunicativo, cujo foco agora recai sobre a questão da violência escolar. A cena coloca a professora na posição de alvo direto de um dos alunos munido de um lança-foguetes, o qual no disparo teria atingido parte do penteado da docente e perfurado precisamente o contorno da letra "o" escrito no quadro junto às outras vogais. O cálculo preciso do disparo desse aluno representado com toda indumentária de um soldado militar contribui para o efeito humorístico do texto, exaltando a condição de vítima indefesa da professora alvejada.

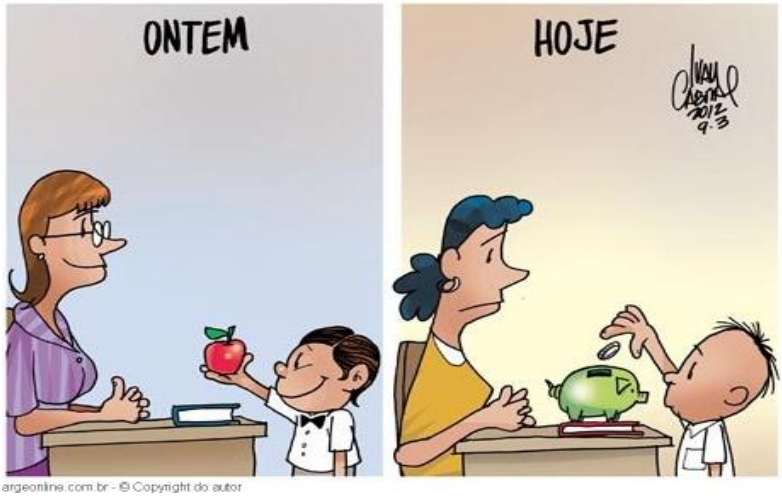
A imagem que aqui se constrói do mestre é, portanto, bastante cômica e caricata: trata-se de uma mulher frágil e apavorada pela violência em seu contexto. A fala "*... que saudade do tempo que eles só traziam canivetes!*" pode retratar um tempo em que os alunos praticavam aquelas artes mais inofensivas de criança, como gravar nomes nas árvores e no mobiliário da escola com um canivete. Ao expressar "saudades" desse tempo, a professora se mostra menos preocupada no passado do que no presente com o tipo de "arma" que os alunos podem trazer para a escola com que possam lhe ameaçar ou causar danos.

Finalmente, o terceiro texto aqui analisado traz à tona o imaginário construído atualmente em torno do magistério como uma profissão desvalorizada do ponto de vista econômico. Observamos a estrutura já explorada em outros exemplos da divisão do espaço da charge em dois quadros que retratam dois momentos históricos distintos representados pelos advérbios "ontem" e "hoje". O cenário também se mantém o mesmo já observado nos textos anteriormente analisados – a sala de aula.

O gesto de presentear o professor com uma maçã, muito comum no imaginário social construído em torno da escola primária, é retomado pelo chargista Ivan Cabral, e sua ocorrência corrobora a visão do professor no passado como alguém estimado socialmente. Por outro lado, en-

quanto no passado dar uma lembrança para o mestre é algo feito despretensiosamente, apenas para alegrá-lo; na atualidade, a ajuda é destinada ao fim de sustentar o professor, alimentando seu salário.

Texto 3



http://www.esmaelmorais.com.br/2012/03/charge-do-dia-a-situacao-do-professor-ontem-e-hoje/

Destaque-se a proximidade entre as formas arredondadas da maçã e do cofrinho em formato de porco sobre a mesa, enfatizando metonimicamente ainda mais, pela semelhança formal, o contraste entre as imagens construídas do professor e do aluno nos dois contextos históricos. Trata-se de um recurso do chargista para a geração de efeitos patêmicos pelo viés do humor em seu texto.

O *ethos* da professora é mais uma vez construído com aparência alegre e serena no quadro "Ontem", e também o aluno demonstra muita satisfação em seu gesto de levar para a "tia" uma maçã. Já no quadro "Hoje", a imagem corporal da professora denota insatisfação e tristeza, enquanto no semblante do aluno percebemos um ar de compaixão. Corrobora-se, assim, a desvalorização do profissional do magistério pela inversão de papeis entre professor e aluno: a mestra, que outrora era responsável por fornecer ao aluno um "bem" – o conhecimento –, e que, portanto, era digna de ser presenteada por ele com uma maçã em um gesto de gratidão, é quem agora ocupa a posição de dependente do aluno para seu próprio sustento.

6. *Algumas conclusões*

Como procuramos defender em nossa análise, toda a construção verbal e não verbal observada nas três charges analisadas nos revela os recursos e estratégias patêmicos empregados pelo chargista a fim de lograr êxito em seu projeto de fala captante. A antítese das cores, dos semblantes, o exagero dos traços e o humor provocado pelo emprego dos enunciados em contextos diferentes permitem-nos reconhecer um posicionamento do Eu-Enunciador chargista em relação à instituição familiar e à própria sociedade atual, incitando o Tu-destinatário ideal à reflexão e adesão das imagens e posicionamentos construídos nos textos.

Dessa forma, a análise aqui desenvolvida brevemente nos permitiu evidenciar os mecanismos de intencionalidade do sujeito e da interação social e a maneira como seus imaginários em torno da educação – e da figura do professor mais especificamente –, se constroem e deslizam ao longo do tempo.

Percebemos que os enunciadores das charges analisadas recorrem à tópica patêmica da dor e da compaixão, mas a equilibram com pitadas de humor no discurso. Constrói-se por esse viés uma rede de crenças que coloca o professor como vítima de um sistema de governo capitalista, que o desvaloriza e deslegitima socialmente, chamando o leitor a ocupar a posição de voyeur e de testemunha impotente, embora o engaje também numa reflexão.

Conjuntamente a esse efeito patêmico, o enunciador retoma e ao mesmo tempo constrói *ethé* diversos para o professor que retratam a condição de sua atividade socialmente ao longo do tempo. Concluímos, portanto, que o sujeito professor, nas charges analisadas, é construído através da oposição entre um *ethos* passado que denota segurança, respeito e satisfação, e um *ethos* de vítima, que incorpora ora a pobreza e a mendicância, fruto dos baixos salários; ora o desequilíbrio e espanto, fruto do contexto violento e massacrante da escola e da sociedade atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso*: A construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). *Gêneros*: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso*: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Pathos* e discurso político. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (Orgs.). *As emoções no discurso*, vol. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.

_____. *Discurso das mídias.* Trad.: Angela M. S. Corrêa. 1. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2007b.

_____. *Discurso político.* Trad.: Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. 1 ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Linguagem e discurso.* Modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008b.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, Ida Lúcia (Orgs.). *As emoções no discurso*, vol. II. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

DISCINI, N. *Ethos* e estilo. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 33-54.

MACHADO, Ida Lucia. As *palavras* de uma análise do discurso. In: LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Orgs.). *Análises do discurso hoje*, vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, p. 177-198.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação.* Trad.: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008a.

_____. Problemas de *ethos*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (Orgs.). *Cenas da enunciação.* São Paulo: Parábola, 2008b, p. 55-73.

_____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 11-29.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p.19-36.